

A NATUREZA CONTRADITÓRIA DO TRABALHO DO TEÓLOGO

Cleub Evaristo¹

RESUMO

O presente artigo propõe uma releitura do segundo capítulo do livro “Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico”, de M. James Sawyer, que trata da “natureza contraditória do trabalho do teólogo”. O autor respeita a ideia proposta no capítulo, porém, promove novas perspectivas para a contribuição com o tema proposto; provocando uma discussão a respeito da importância da teologia e da atual circunstância do ensino teológico no Brasil.

Palavras-chave: Teólogo. Labor. Cientista. Guardião da Verdade. Contextualizador.

ABSTRACT

This present article proposes the rereading of the second chapter of the book - Survivor's guide to theology - of M. James Sawyer, who deals with “the contradictory nature of the theologian's work”. The author respects the idea proposed in the chapter, however, promotes new perspectives for the contribution with the proposed theme; provoking a discussion about the importance of theology and the current circumstance of theological teaching in Brazil.

Keywords: Theologian. Labor. Scientist. Guardian of Truth. Contextualizing.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O capítulo “A natureza contraditória do trabalho do teólogo”, do livro “Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico” (2009), do teólogo M. James Sawyer, além de emprestar o título para este artigo, oferece os subsídios para a maior parte da discussão proposta neste trabalho. No referido capítulo, Sawyer trata da ocupação do teólogo e da dificuldade de sua tarefa

¹ Pós graduado em Docência do Ensino Superior e pós-graduando em Teologia Sistemática pela Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). Bacharel em Teologia, também pela FASSEB. Professor de Teologia convidado na Faculdade Piracanjuba (FAP), na FASSEB e nos seminários STEBB, SETEBLIR e SETAL. É pastor na Comunidade da Fé – Igreja Cristã, em Goiânia, Goiás. E-mail: cleubevaristo@hotmail.com.

diante do desafio de praticar uma teologia que seja fundamentada nas Escrituras, que tenha compromisso com a preservação da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 1.3) e que possa apresentar a verdade do cristianismo para o mundo pós-moderno. Esta complexidade do labor teológico tem se acentuado cada vez mais na realidade brasileira em relação à importância da teologia e dos desafios do ensino teológico.

No Brasil, desde a época colonial, o ensino teológico informal já figurava as atividades formativas de pessoas para o ministério eclesiástico; entretanto, só a partir do fim do século XIX é que este tipo de atividade foi oficializado por meio da instituição dos Seminários teológicos. Esses cursos de teologia ficaram restritos somente às instituições religiosas durante muito tempo; eles sempre foram oferecidos (ainda o são) por Seminários ligados a denominações eclesiásticas específicas, ou não, porém, todos eles confessionais. Os cursos de teologia funcionavam apenas como “cursos livres”, e formavam pessoas única e exclusivamente para o âmbito eclesiástico-religioso.

Todavia, a partir do ano de 1999, através do Parecer CNE/CES nº 241/1999, os cursos de teologia passaram a figurar o quadro de cursos superiores que são autorizados pelo Ministério da Educação (MEC). Desde então, muitas instituições de ensino superior começaram a incluir em sua grade de cursos de formação, o ensino teológico. Dessa forma, a teologia deixou de servir apenas ao contexto religioso, pois novos campos para a atuação do teólogo surgiram e, conseqüentemente, a procura por um curso de teologia que seja autorizado e reconhecido pelo MEC aumentou consideravelmente. Isto gerou reações e concepções distintas a respeito do assunto, pois existem aqueles que acreditam que a teologia deveria continuar restrita apenas ao contexto religioso; em contrapartida, outros acreditam que a teologia chegou ao lugar que lhe é devido e que ela deve servir à sociedade de forma geral!

Entretanto, uma discussão ainda maior do que esta se dá em torno da real importância do estudo teológico, pois mesmo após ser autorizado e reconhecido pelo Ministério da Educação como curso superior, a teologia continua sendo desprezada e também negligenciada por muitos. Tanto a teologia como o teólogo sofrem muitos ataques por grande parte da sociedade!

O estudante de teologia enfrenta inúmeras dificuldades no percurso de sua carreira e sofre perseguição desde o seu ingresso em qualquer curso dessa área de

formação, pois constantemente é inquirido por parte daqueles que desprezam a real importância da teologia e que a julgam desnecessária. É comum o estudante ouvir as perguntas: para que serve a teologia? Por que não escolheu outro curso? Quando se formar, vai trabalhar em que mesmo? Teologia dá dinheiro? Em outras circunstâncias, dentro da própria comunidade cristã, muitos afirmam que o estudo teológico não tem muito valor!

Todavia, querendo ou não, a teologia está presente no cotidiano de todas as pessoas. Diante dessa realidade, existe uma demanda emergente para o desenvolvimento e a prática de um modelo de teologia que possa decodificar e aplicar corretamente a mensagem proposta por Deus através de sua auto revelação. Então, ser teólogo e fazer teologia não é nada fácil; na verdade, é um enorme desafio, pois já de início tem como tarefa comprovar a real importância da teologia!

2 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

A partir do pressuposto que a teologia faz parte do cotidiano de todas as pessoas, John M. Frame, em “A doutrina do conhecimento de Deus” (2010, p. 334), destaca que até os ímpios naturalmente podem fazer teologia: “[...] eles a fazem necessariamente, pois todas as ações humanas constituem respostas à Palavra de Deus e aplicações desta. Essas aplicações podem ser corretas ou errôneas, isto é, podem constituir boa ou má teologia, mas, não obstante, são teologia”. Essa realidade comprova que a teologia está presente em todos os seguimentos da sociedade; em alguns, de forma direta, em outros, de forma indireta! Todos os dias, inevitavelmente nos mais distintos ambientes sociais, surgem questões que são inerentemente teológicas; isto, por si só, já atesta a relevância da teologia. Entretanto, o que se faz necessário é que se desenvolva uma boa teologia, uma teologia que possa ser aplicada de maneira eficaz dentro dos vários setores da sociedade, comprovando assim sua real importância.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA PARA A COMUNIDADE CRISTÃ

Como foi dito anteriormente, até mesmo dentro da comunidade cristã, muitos não dão o valor devido ao estudo da teologia. Sobre isto Robert Charles Sproul, na obra “Somos todos teólogos: uma introdução à teologia sistemática” (2017), afirma:

[...] Muitas pessoas acreditam que o estudo teológico tem pouco valor. Elas dizem: 'Não preciso de teologia; preciso apenas conhecer a Jesus'. Mas a teologia é inevitável para todo cristão. É nossa tentativa para entendermos a verdade que Deus nos revelou – algo que todo cristão faz. Portanto, a questão não é se vamos nos engajar em teologia, mas se a nossa teologia é correta ou incorreta (p. 17).

Todas as pessoas, inevitavelmente, fazem teologia através de suas escolhas e procedimentos; algumas a fazem de maneira consciente e outras não, porém para o cristão é inadmissível não praticar uma correta e boa teologia. Portanto, para que isto aconteça, a Igreja precisa ajustar seu posicionamento teológico às Escrituras Sagradas. Sobre isto o Doutor Hermistem Maia Pereira da Costa, em “Introdução à metodologia das ciências teológicas” (2015), diz que: “[...] a teologia tem um compromisso com a edificação da igreja (Ef 4.11-16): A igreja é enriquecida espiritualmente com os ensinamentos da Palavra, os quais cabe à teologia organizar” (p. 399). De acordo com Alberto F. Roldán, em “Para que serve a teologia?” (2000), o ponto de partida da teologia é justamente a comunidade de fé (cristã). Para ele, a teologia prática derivada do estudo da Bíblia e da teologia sistemática capacita o cristão a se posicionar corretamente diante das mais distintas questões e problemas éticos (p. 33, 74); ou seja, ela dá suporte ao cristão para que ele possa fazer as escolhas certas.

A teologia também fornece ferramentas para ajudar os clérigos na administração das comunidades que lideram, além de capacitá-los para a condução dos diversos trabalhos eclesiais, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de uma prática pastoral eficaz através de disciplinas e recursos pedagógicos que são oriundos da teologia, como: a exegese, a hermenêutica, a homilética, a psicologia pastoral, a história da Igreja, a educação cristã, a liturgia e outros mais.

As palavras de Roldán são contundentes no que diz respeito à importância da teologia para a comunidade cristã:

Como conclusão, podemos dizer que a teologia é uma tarefa inescapável de todo cristão e da igreja toda. Que fazemos teologia cada vez que pronunciamos um discurso sobre Deus (*teo-logos* = uma palavra acerca de Deus). Que contrapor teologia e evangelização, trabalho pastoral e educação cristã é um absurdo. A teologia, em suma, serve à vida e à missão da igreja. Ela a capacita para a sua tarefa no mundo contemporâneo, um mundo em mudança, que nos interroga no campo social, político, econômico e ético. Somente encarando o fazer teologia de

maneira séria, responsável e crítica podemos ser luz e sal da terra, como nos diz Jesus Cristo, o Senhor (2000, p.77).

Se a teologia não servir à Igreja, ela para nada serve!

Outra questão a ser considerada sobre a importância da teologia é sua presença nas instituições de educação superior.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Críticas muito severas são tecidas sobre o ensino teológico nos centros de ensino superior. De acordo com o Doutor Millard J. Erickson, em “Introdução à teologia sistemática” (1997), há um questionamento sobre a legitimidade do estudo teológico em instituições de educação superior (p. 18). Em “A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo”, Kevin J. Vanhoozer (2015, p. 98), falando sobre essa questão, destaca: “Muitos formadores de opinião secularistas e céticos afirmam que a universidade não é de modo nenhum lugar para a teologia”. Vanhoozer, para pontuar esse tipo de opinião, transcreve as palavras de Richard Dawkins que foram escritas em uma carta direcionada ao editor do jornal *The Independent*, no dia 20 de março de 1993:

O que a teologia já chegou a dizer que tenha a mínima utilidade para alguém? [...] Se amanhã todas as realizações dos teólogos fossem varridas do mapa, será que alguém notaria a mínima diferença? Até mesmo as más realizações dos cientistas, as bombas e navios baleeiros guiados por sonar, funcionam! As realizações dos teólogos não produzem nada, não afetam nada e não significam nada. O que leva alguém a pensar que ‘teologia’ é uma disciplina acadêmica? (2015, p. 98).

Assim como Dawkins, muitos desprezam totalmente a teologia como uma disciplina acadêmica e reprovam sua presença entre os cursos de nível superior. Todavia, como afirma Erickson:

[...] não há nada que proíba um estudo objetivo e científico do cristianismo ou de outras religiões. Em instituições privadas e especialmente nas que têm um compromisso com o cristianismo, o estudo da doutrina cristã é muito adequado. Ela não precisa ser de modo algum inferior às outras disciplinas estudadas (1997, p.18).

Na verdade, o estudo da teologia nos centros universitários na atualidade é bem mais relevante do que em qualquer outro período da história; afinal, com o modelo de sociedade que se tem na contemporaneidade onde se busca respostas imediatas para tudo através das especificidades do conhecimento, a teologia é de fundamental importância, pois existem algumas questões que só poderão ser respondidas por meio do conhecimento teológico. Sendo assim, a presença da teologia nas instituições de ensino superior é de fundamental importância. O Doutor Kevin J. Vanhoozer, em “A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo: contribuições para uma teologia evangélica” (2015), percebendo esse problema, faz a seguinte declaração:

Teólogos são mais relevantes do que nunca em uma era que perdeu a sabedoria num mar de conhecimento e o conhecimento num mar de informações. O problema é que sabemos cada vez mais sobre partes cada vez menores da realidade [...]. A ausência da teologia na universidade só agrava a tendência de sermos engolidos pelo conhecimento especializado (p. 99).

A teologia deve, sim, estar entre os demais cursos superiores nos centros universitários, como declara o Doutor Vanhoozer (2015, p. 98): “*Teólogos não são impostores do mundo acadêmico*”. (ênfase nossa) Sobre isto, Herman Bavinck, em “Dogmática reformada” (2012), ressalta:

[...] a teologia e a dogmática não pertencem, graças a uma ciência positivista, a um seminário da igreja, mas à universidade das ciências (*universitas scientiarum*). Além disso, no círculo das ciências, a teologia tem direito a um lugar de honra, não por causa das pessoas que pesquisam essa ciência, mas em virtude do objeto que ela pesquisa; ela é e continuará sendo – desde que esta expressão seja entendida corretamente – a rainha das ciências. (p. 53)

A teologia é, de fato, importante; sendo assim, ela precisa assumir um modelo que comprove esta importância no seio da sociedade.

3 MODELOS DE TEOLOGIA

A teologia (estudo teológico) geralmente é dividida nas seguintes áreas: Teologia Sistemática ou Dogmática, Teologia Bíblica e Teologia Histórica. Estas são

áreas específicas do estudo teológico, e não modelos de teologia. Os modelos de teologia surgiram como herança dos empreendimentos e labores dos teólogos desde o início da igreja cristã até os dias de hoje. Falando sobre os modelos de teologia, M. James Sawyer, na obra “Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico” (2009, p. 25), assegura que: “a teologia é comumente entendida como *sapientia*, *scientia* ou *orthopraxis*”. John Jefferson Davies corrobora apontando para a utilidade dessas dimensões: “A teologia evangélica saudável que pretenda preparar de maneira adequada o povo de Deus para a obra do ministério (Ef 4.11-16) necessita dos três elementos: *sapientia*, *scientia* e *orthopraxis*” (*apud* SAWYER, 2009, p 25).

3.1 A TEOLOGIA COMO SAPIENTIA

A teologia como *sapientia* (sabedoria) procura estar em consonância com Deus através de um relacionamento pessoal que vai além da observância de sistemas e dogmas. Um relacionamento que é fundamentado principalmente sobre a confiança que é depositada em Deus. Confiança que é adquirida e conseqüentemente estabelecida por meio do conhecimento do conteúdo das Escrituras. O resultado desse tipo de relacionamento com Deus, com certeza, produzirá a obtenção da verdadeira sabedoria, “a sabedoria do alto” (Tg 3.13-18). Sobre esta sabedoria John M. Frame diz o seguinte:

As habilidades no conhecimento são chamadas ‘sabedoria’ na Escritura. Tais habilidades são os bons hábitos epistemológicos pelos quais somos capazes de entender a verdade e de pôr essa verdade em ação na vida. A sabedoria vem por intermédio de Cristo, mediante sua Palavra e seu Espírito. A sabedoria espiritual é agudamente diferente da sabedoria do mundo (1Co 1 e 2), pois se baseia na Palavra de Deus, não no pensamento autônomo do homem (2010, p. 360).

Qualquer teologia que não busque este tipo de relacionamento com Deus fatalmente cairá no formalismo e jamais produzirá o resultado esperado.

3.2 A TEOLOGIA COMO SCIENTIA

Historicamente a teologia sempre foi entendida como uma ciência! Durante a Idade Média ela era conhecida como “a rainha das ciências” e, por isso, tinha

proeminência entre as demais disciplinas e áreas do conhecimento. Todavia, a partir das revoluções industrial e filosófica, e principalmente depois do surgimento do cientificismo, a teologia deixou de figurar na lista das chamadas “Ciências Modernas”. Porém, é inegável que a teologia possui um caráter científico, afinal, ela abarca princípios, critérios e métodos que comumente são aceitos como do conhecimento científico. Falando sobre isto, Costa apresenta pontos que caracterizam a teologia como conhecimento científico:

1. Tem um objeto definido de Estudo: A Revelação de Deus nas Escrituras Sagradas. 2. Tem um método que se harmoniza com a lógica na investigação da verdade: sob vários aspectos, ela emprega métodos que também são partilhados por outras disciplinas, especialmente a História e a Filosofia. 3. Ela é comunicável, podendo ser expressa de forma verbal proposicional. 4. Muitas de suas proposições estão sujeitas a verificação: o que o teólogo diz pode ser compreendido, observado e investigado por outros (2015, p. 111).

De maneira bem semelhante ao que foi destacado na citação acima sobre a teologia como ciência, Erickson pontua o seguinte:

[...] (1) Ela aceita as mesmas regras da lógica que as outras disciplinas. Surgindo dificuldades, a teologia não invoca simplesmente um paradoxo ou a incompreensibilidade. (2) Ela é comunicável – pode ser expressa em forma verbal proposicional. (3) Até certo ponto, ela emprega métodos usados por outras disciplinas específicas, especialmente a história e a filosofia. (4) Ela partilha alguns objetos de estudo com outras disciplinas. Portanto, existe a possibilidade de pelo menos algumas de suas proposições serem confirmadas ou refutadas por outras disciplinas, tais como a ciência natural, a ciência do comportamento ou a história (1997, p.18).

Todavia, mesmo que a teologia partilhe de princípios que sejam comuns a outras ciências, “tem um status próprio, não podendo ser subordinada a nenhuma ciência em particular” (COSTA, 2015, p.111).

3.3 A TEOLOGIA COMO *ORTOPRAXIS*

No século passado, com o advento da chamada “Teologia da Libertação”, na América Latina, surge também a *orthopraxis* (ação correta). Nessa questão, a teologia da libertação foi apenas o pontapé inicial, pois abriu caminho para novos movimentos que se identificaram com a causa dos menos favorecidos e

marginalizados, ou seja, com os grupos minoritários de forma geral, passando então a elaborar seus pressupostos teológicos a partir das necessidades específicas de tais grupos. Isto serviu para despertar a chamada “ortodoxia cristã”, que precisou rever seus conceitos a respeito da aplicação e da prática do Evangelho. Afinal, uma teologia que não procura praticar aquilo que foi sistematizado em seus conceitos e dogmas, não pode ser identificada como teologia.

O labor (empreendimento) do teólogo não pode, de maneira alguma, se centralizar em apenas um desses conceitos apresentados por Sawyer (como muitos teólogos fizeram no decorrer da história), mas precisa trabalhar de acordo com todos eles, pois todos os corolários apresentados pelo teólogo precisam compreender os três elementos.

4 O LABOR DO TEÓLOGO

Quando se fala sobre o labor teológico chega-se à conclusão que a natureza do trabalho do teólogo é, de fato, contraditória. É como afirma Sawyer:

A tarefa do teólogo é complexa. Cada elemento traz algum sentido contrário a outros elementos [...]. De certa forma, a tarefa do teólogo é impossível, mas mesmo assim não pode ser evitada, caso a Igreja deseje cumprir a comissão de fazer discípulos de todas as nações e submeter todas as coisas ao senhorio de Jesus Cristo (2009, p.75).

Sawyer destaca, também, o labor do teólogo, dividindo-o em três aspectos: “guardião da verdade, cientista e contextualizador” (2009, p. 27).

4.1 O TEÓLOGO COMO GUARDIÃO DA VERDADE

Desde o início da Igreja Cristã, vários embates de ideias e conceitos foram sendo travados. Isto pode claramente ser percebido através do Novo Testamento; afinal, grande parte do seu conteúdo possui um caráter apologético (defesa da fé). O desenvolvimento histórico da igreja cristã é marcado pelos grandes concílios e seus credos, os quais surgiram como resultado do labor da igreja pela preservação da genuína “Fé Cristã”. Esses empreendimentos, junto com a dedicação e o trabalho de muitos pais da igreja, e posteriormente com as contribuições de vários teólogos, desde a Idade Média até a Reforma, e finalmente, da Reforma até o século passado,

construíram o arcabouço da teologia nos moldes que temos hoje. Este legado precisa ser considerado pelos teólogos do século XXI. Então, como guardião da verdade, o teólogo precisa conhecer sua fé antes de defendê-la e, para isso, ele precisa confiar piamente na Escritura e buscar a verdade no conhecimento do texto sagrado, o que é claro considerando também os trabalhos que foram realizados pelos teólogos do passado que, com certeza, têm muito a contribuir com a correta compreensão da verdade. Após a compreensão do que é a verdade, o teólogo está apto a ser um guardião dela!

Entretanto, guardar a verdade vai muito além da apologética; é um equívoco entender que o teólogo, como guardião da verdade, desenvolve seu raciocínio teológico apenas em caráter apologético. Como guardião da verdade, o teólogo deve ir para mais desse marco, pois é necessário guardar a verdade e fazer teologia “em amor”, como disse Frame:

[...] devemos aprender a teologizar ‘em amor’ (Ef. 4.15), um amor que edifique e promova unidade, não divisão. A teologia deve buscar e promover reconciliação entre irmãos, até entre denominações e tradições teológicas, tanto quanto for possível (2010, p.342).

Assim como Frame, o Doutor Kevin J. Vanhoozer, em “Encenando o drama da doutrina: teologia a serviço da Igreja” (2016), também destaca a condição sobre o falar a verdade “em amor” e acrescenta o seguinte:

O conhecimento correto (‘ortodoxia’), em última análise, será vazio se não for acompanhado pelo amor correto. Os discípulos devem não só falar a verdade em amor (Ef 4.15 ESV), mas também amar a verdade (2Ts 2.10) que falam. A fé que comunica entendimento deve ser sincera (p.151).

Entende-se, então, que o teólogo como guarda da verdade, além de defender sua fé, precisa estabelecer um diálogo com aqueles que pensam de forma diferente (dentro do que for possível, é claro!), baseado no amor, ou seja, por meio dos princípios cristãos. Isto está de acordo com a Escritura, afinal, ela mesma ensina a forma correta de defender a fé cristã:

Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo (1 Pe 1.15,16).

O *guardar a verdade* sempre foi um grande desafio do labor teológico, pois desde o início da igreja, a verdade para muitos passou a ser relativizada, ou adaptada a novos pressupostos que não estavam de acordo com as Escrituras! Entretanto, hoje o desafio é ainda maior, pois a relativização da verdade tem se intensificado dia a dia através do secularismo e, também, por causa da ascensão do sincretismo religioso no seio da igreja, o que está trazendo à tona muitas das antigas heresias e criando novos contrassensos.

Erickson (1997, p. 17) aduz: “A compreensão correta da doutrina é importante porque hoje há sistemas de pensamento religiosos e seculares que disputam nossa devoção”. Então, a verdade que é concebida principalmente por meio do estudo da Bíblia e depois verificada em documentos extrabíblicos que foram produzidos a respeito dessa verdade, para o teólogo deve ser inegociável e jamais pode ser relativizada, mesmo que ela não esteja de acordo com as vontades da natureza humana! Pois, de acordo com Jeremy Taylor, “A heresia não é um erro de entendimento, mas um erro de vontade” (*apud* SAWYER, p. 37). “A vontade é a nossa capacidade de fazer escolhas, de assumir compromissos e de tomar decisões” (FRAME, 2010, p. 358). Sendo assim, a heresia, na maioria das vezes, não é resultado da falta de entendimento sobre uma determinada questão, mas é consequência de escolhas que estão relacionadas principalmente com a vontade humana (carne) e que, conseqüentemente, impedem o indivíduo ou um determinado grupo de optar pela verdade!

O teólogo, além de conhecer bem as premissas de seu pensamento, precisa estar atento a todos os detalhes que envolvem sua concepção teológica, pois a transição do trabalho do teólogo de guardião e preservador da verdade, para o de cientista/explorador, segundo Sawyer, está na condição que o teólogo deve ter de detectar toda a espécie de diferenças que não estejam de acordo com os parâmetros da fé recebida, mesmo que seja uma diferença pequena, pois é justamente através dessa percepção do teólogo que o trabalho se desenvolve de preservador para pesquisador crítico (SAWYER, 2009, p. 43).

4.2 O TEÓLOGO COMO CIENTISTA

Outra faceta do labor teológico coloca o teólogo como cientista. Além de guardião da verdade, o teólogo precisa ser aquele que busca (explora) a verdade

em toda instância. O teólogo como cientista “olha para três direções: para o texto das Escrituras, para a Revelação Geral e para a obra dos teólogos do passado” (SAWYER, 2009, p.45).

Para Frame (2010), o ponto de partida para o teólogo é a Escritura, pois é através de sua leitura e estudo que se procura validar todas as principais pressuposições da teologia. De acordo com Sawyer (2009, p. 45), “A prioridade na ordem de trabalho do cientista/teólogo é um encontro com o próprio texto das Escrituras”. Por mais que existam outras fontes que são válidas para a extração do pensamento teológico, para Erickson o teólogo deve certificar-se que a Bíblia seja a autoridade principal em seu trabalho; afinal, ela é a linha mestra que deve ser seguida, pois fornece o conteúdo essencial da teologia (1997, p. 19, 20). Sendo assim, a compreensão correta dos textos bíblicos é fundamental para a formulação do pensamento teológico. Então, o teólogo, como cientista, precisa se envolver de maneira concreta com a Escritura Sagrada. Ele deve desdobrar-se no estudo hermenêutico da Bíblia, para, antes de tudo, obter a compreensão correta do texto para a época em que foi escrito e, só depois, procurar compreender seu significado para a atualidade, conforme afirma Roy B. Zuck na obra “A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade bíblica” (1994):

Precisamos conhecer o significado da Bíblia a fim de podermos descobrir sua mensagem para nossos dias. Devemos compreender seu sentido para a época antes de percebermos seu significado para hoje. Se descartarmos a hermenêutica [...], estaremos passando por cima de uma etapa indispensável do estudo e deixando de nos beneficiar dela (p. 10).

Sendo assim, para essa etapa do trabalho do teólogo/cientista ser bem sucedida, a hermenêutica é indispensável! Pois, como afirma Erickson (1997, p. 20), “Boa parte da Bíblia trata de casos específicos e foi escrita para situações específicas na história. Repetir as mesmas palavras nos mesmos moldes seria distorcer o significado”.

O teólogo-cientista também faz uso da revelação geral ou natural (teologia natural) em suas pesquisas referentes à busca da verdade. A criação mostra e revela Deus como seu autor e idealizador. Isto é o que dá sentido a toda verdade. A Escritura registra textos impressionantes em prol da revelação geral, como o salmista assevera:

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo [...] (SI 19.1-4).

Outro texto bíblico clássico sobre a revelação natural e que é conhecido por muitos, está registrado na carta do apóstolo Paulo aos Romanos. Paulo afirma que, pela criação, até os atributos invisíveis (incomunicáveis) de Deus podem ser percebidos (Rm 1.19,20).

De fato, a criação revela o seu criador, como afirma Sawyer (2009):

O conceito de revelação geral, do modo em que é discutido, quase sempre se refere ao que pode ser captado a respeito de Deus, diretamente da ordem criada, à parte da revelação especial (a Bíblia). O conceito de revelação geral é na realidade muito mais amplo. Envolve um entendimento de Deus como o autor de toda a verdade encontrada na ordem criada, uma vez que ele é sua fonte e seu autor. (p. 47)

Certamente Tomás de Aquino foi o teólogo que mais se preocupou em procurar provar a existência de Deus por meio do mundo natural. Ele propõe isto através de cinco “caminhos” ou “vias” que são, na verdade, argumentos em prol da existência de Deus (SAWYER, 2009). Esses caminhos propostos por ele abriram portas para a busca de possíveis constatações a respeito da existência de Deus a partir do Cosmos e da vida de maneira geral. Peter James Cousins, em “Ciência e fé: novas perspectivas” (1997), tratando desse assunto, afirma:

[...], os peritos no assunto reduzem os caminhos a dois e lhes acrescentam mais dois; o argumento ontológico de Anselmo e o argumento moral, que foi introduzido por Kant. As quatro ‘provas’ são as seguintes: 1. O ‘argumento ontológico’. Introduzido por Anselmo (1033-1109), declara que Deus é aquele em relação ao qual ninguém maior poderia ser imaginado [...] . 2. O ‘argumento cosmológico’. Ensina que cada evento tem uma causa. Deve existir então uma primeira causa, que é Deus. [...]. 3. O ‘argumento moral’. Baseia-se em nosso senso de ética, de dever, de boa vontade. [...] Paulo diz a mesma coisa quando fala da ‘lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se, ou defendendo-se’ (Rm 2.15) [...]. 4. O ‘argumento teleológico’. Tudo parece ter um lugar e um propósito. Por isso, é chamado o ‘argumento de desígnio’, e tem sido o mais discutido ultimamente (p. 106, 107).

Deus deixou marcas na criação; a grandiosidade e complexidade do Cosmos com todos os pormenores e beleza fascinantes de todas as formas de vida, revelam que, por trás de tudo isso, há uma mente inteligente, que trouxe do nada (*ex nihilo*)

todas as coisas. Grande parte da comunidade científica já admite a possibilidade de uma causa inteligente (o Design Inteligente) ser responsável pela criação ou formação do universo; todavia, é claro que muitos dos cientistas que admitem esta possibilidade não associam esta causa a conceitos religiosos e muito menos a identificam com o conceito teológico de “divindade”, porém, a teologia antecipadamente, desde o seu início, já se ocupava em procurar provar que o mundo havia sido, sim, gerado por uma Causa Maior e Inteligente, ou seja, por Deus!

Então o teólogo, como cientista, sempre necessita da ajuda dos teólogos do passado na busca de modelos e estruturas que possam auxiliá-lo na decodificação da verdade, evitando assim possíveis erros, inclusive o de achar que os paradigmas e as estruturas teológicas do passado ou de qualquer grande mestre sejam infalíveis! Como já foi dito anteriormente, na produção teológica não se deve excluir o diálogo com os teólogos do passado, porém, é necessário chegar às próprias conclusões. Falando sobre isto Sawyer declara de maneira incisiva: “Fazer teologia não envolve a reprodução dos resultados de um experimento, mas a verificação dos resultados do trabalho de outros teólogos em relação às Escrituras” (2009, p.47).

Entretanto, na busca da verdade, o teólogo-cientista precisa ser de fato um explorador, pois é necessário ir além do costumeiro e dar passos em direções menos confortáveis, no intuito de obter condições de alcançar respostas satisfatórias (para si mesmo), até então não obtidas. É como articula Sawyer:

O teólogo/ explorador encontra novos territórios e os relaciona ao mundo conhecido. Começa com a bagagem da verdade recebida e, no ardente desejo de estender seu horizonte na busca por mais conhecimento, vai além do que é aceitável. Nessa busca descobrirá coisas fantásticas, que precisam ser incorporadas à sua estrutura de realidade e poderão até mesmo mudar o mundo. Enquanto permanecer em seu reduto, suas descobertas terão mais o efeito de ‘curiosidade’: ‘Ah, isso não é interessante?’. Elas apenas adicionarão um pouco de cor e profundidade ao seu mundo intelectual e espiritual. Contudo, à medida que ele se aventura em áreas ainda não mapeadas por sua comunidade e chega ‘corajosamente onde homem algum esteve’, sua visão da própria realidade passará por um reajuste radical. A visão da antiga realidade já não consegue conter o que foi descoberto (2009, p. 58).

Na busca de resultados e respostas, o teólogo deve desdobrar-se incansavelmente nas pesquisas, pois ao contrário do que muitos pensam, a teologia não está pronta! A conclusão de Sawyer sobre esse assunto é, no mínimo, desafiadora:

A teologia é dinâmica, não é estática. Os preservacionistas convictos fugirão de qualquer conversa sobre mudança na teologia: 'Será que isso não é sacrificar a verdade por algum modismo?'. Entretanto, negar a possibilidade de mudança dinâmica corresponde a alegar implicitamente que se alcançou o auge de todo o conhecimento teológico. Os ortodoxos orientais costumavam dizer: 'Se é novo é herético'. Contudo, essa não é a melhor perspectiva. A metáfora do cientista/explorador reconhece que, embora o que nos tenham passado possa ser bom, verdadeiro e correto, não é toda a verdade. A teologia do teólogo não deve se tornar uma fortaleza na qual ele possa habitar seguro de um ataque potencial, protegido por fortificações e torres doutrinárias. Pelo contrário, deve funcionar como uma bússola para futuras explorações. Muito da revelação de Deus ainda está por ser explorado e incorporado em nosso entendimento (2009, p. 58).

Por mais incrível que pareça, a teologia ainda está sendo construída! Os teólogos do passado fizeram um bom e considerável trabalho, todavia, como diz Sawyer:

Há muito a ser aprendido, tanto do texto das Escrituras quanto da ordem criada. Os teólogos procedem de acordo com pressuposições e comprometimentos e, mesmo assim, reconhecem que seu entendimento não é infalível: além de finito, é decaído. Assim, necessitam ter a coragem intelectual e espiritual para ficar com a evidência, mesmo que ela ameace suas perspectivas (2009, p. 57).

4.3 O TEÓLOGO COMO CONTEXTUALIZADOR

O último aspecto do labor do teólogo é a contextualização. Talvez seja esta uma das tarefas mais complexas para o teólogo, tendo em vista que a contextualização de qualquer assunto que seja ou não teológico requer do contextualizador um profundo conhecimento do que vai ser tratado e de que maneira apresentar isto aos receptores. Sobre isto Erickson (1997, p. 16) destaca: "O alvo do labor teológico é reconceituar verdades bíblicas atemporais de forma que sejam compreensíveis às pessoas que vivem hoje".

A missiologia, através da implantação do cristianismo nas mais distintas nações e culturas, ensina à teologia que a contextualização é essencial para a afirmação e proclamação da verdade (SAWYER, 2009, p. 60, 61).

A contextualização do Evangelho é tema de um livro bem relevante, que tem como título "O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo" (1998), do missiólogo Don Richardson. Neste livro o autor descreve como o próprio Deus estabeleceu "pontes" culturais entre os mais variados povos e culturas

para a implantação e contextualização da mensagem do Evangelho. A contextualização, então, serve como ponto que liga a mensagem do cristianismo às culturas existentes no mundo. (RICHARDSON, 1998).

No entanto, a contextualização já era conhecida antes das grandes missões mundiais. Ela é apresentada de forma objetiva na Escritura:

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível, Procedi, pra com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns (1 Co 9.19-22).

De acordo com Sawyer, para a apresentação e contextualização do evangelho no mundo greco-romano do primeiro século, “A teologia e a apologética adotaram as formas de pensamento da filosofia platônica e neoplatônica a fim de expressar a verdade cristã num mundo que não estava familiarizado com a Bíblia” (2009, p. 64).

Depois desse período inicial, a Bíblia passou a ser considerada como “um livro contemporâneo” (SAWYER, 2009, p. 64) e, por séculos, a sua mensagem deixou de ser contextualizada. Esta triste realidade só começou a mudar durante o período da Renascença e, posteriormente, com a concretização da Reforma Protestante, pois foi a partir desses dois movimentos que se começou a ter a compreensão de que o mundo contemporâneo era diferente do mundo bíblico! Todavia, foi com o advento do Iluminismo e com o desenvolvimento do método histórico-crítico de interpretação bíblica, que a ortodoxia se despertou e chegou a uma verdadeira compreensão da necessidade real da contextualização. Desde então, entende-se que o teólogo precisa ter a habilidade de decifrar a mensagem bíblica considerando a intenção primária do texto e aplicando corretamente o seu conteúdo para a atual geração (SAWYER, 2009, p. 64-67).

Desse modo, a hermenêutica torna-se uma das principais ferramentas para a contextualização. Assim como ela é uma ferramenta indispensável no labor do teólogo como cientista, auxiliando-o na interpretação correta dos textos bíblicos, para poder aferir a verdade proposta pelo autor do texto, também é de extrema importância para a aplicação correta (contextualizar) do conteúdo da mensagem

bíblica para hoje. Como assegura Vanhoozer (2015, p. 101), “A hermenêutica vai além da exegese e explica não apenas o que o texto quis dizer aos seus leitores originais, mas também o que significa para nós hoje”.

Contudo, ainda existem alguns grupos que resistem à contextualização e, conseqüentemente, não conseguem dialogar com a pós-modernidade.

Sabe-se, então, que a demanda teológica aumenta cada vez mais. Afinal, todos os dias surgem novos conceitos e realidades sócio-culturais que fazem da pena do teólogo uma preciosa ferramenta para responder de forma contextual os mais recentes e controversos assuntos.

Diante de tal demanda, a teologia precisa ser criativa; é necessário inovar. Percebe-se que a teologia conservadora manteve-se fiel aos escritos teológicos que receberam historicamente e pouco interagem com problemas da atualidade (SAWYER, 2009). Como observou Carl Henry:

A teologia evangélica será herética se for apenas criativa, e indigna se for apenas repetitiva [...]. Ouve-se, frequentemente, que a teologia não evangélica parece falar mais diretamente aos dilemas da era presente, mas que sua mensagem desvirtua a eterna herança bíblica. A teologia evangélica, no entanto, enquanto preserva os conceitos judaico-cristãos, costuma falhar por não se engajar nas perplexidades do presente (HENRY *apud* SAWYER, 2009, p. 70).

Contudo, inovar não quer dizer que a criatividade deve solapar as máximas do cristianismo histórico. Inovar não é mudar ou trocar o conteúdo da mensagem, mas sim atualizá-lo e aplicá-lo corretamente. A tarefa do teólogo, então, é manter o equilíbrio, preservar a ortodoxia e promover um debate com a política pública. Como afirma o diretor do Instituto para o Cristianismo e Cultura Contemporânea, de Bannockburn, no Estado de Illinois, John F. Kilner:

Há uma tremenda relutância em percorrer a segunda milha intelectual. Muitos empregam todos os esforços para formar opiniões explicitamente bíblicas sobre diversos assuntos. Contudo, acabam parando antes de dar o passo seguinte, que é desenvolver argumentos para tais opiniões na linguagem que a sociedade esteja disposta a considerar. Outros, antecipando o difícil desafio de desenvolver argumentos socialmente persuasivos, simplesmente pulam o primeiro passo da formulação de um caso explicitamente bíblico. O primeiro grupo parece não ser capaz de engajar a sociedade à sua causa legitimamente bíblica. O segundo parece não possuir causa legitimamente bíblica à qual possa engajar a sociedade (KILNER, *apud* SAWYER, 2009, p. 74).

Vanhoozer é um exemplo claro de contextualizador a ser seguido. Ele, através de sua obra “Encenando o Drama da Doutrina: teologia a serviço da igreja”, já apresentada, consegue estabelecer uma nítida interação entre as verdades bíblicas atemporais, o legado teológico que foi produzido no passado e a contemporaneidade. Na trama da obra ele apresenta a doutrina cristã e a teologia nos moldes de uma peça teatral. Esta criatividade torna o texto bastante atrativo para os leitores de hoje, sem minimizar as antigas verdades que estão declaradas nas Escrituras (VANHOOZER, 2016).

Em outra obra de sua autoria, “A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo”, igualmente já apresentada, Vanhoozer trabalha o labor teológico por meio de ilustrações e metáforas, onde primeiramente destaca o que os teólogos não são: *Não são artistas de circo*, por mais que se equilibrem em diversas circunstâncias, não têm a função de entreter ninguém. *Não são defensores do status quo*, mesmo que infelizmente sejam retratados dessa maneira por muitos. *Não são senhores feudais do mundo acadêmico*, mas fazem parte dele. E finalmente, afirma que *teólogos não são impostores do mundo acadêmico* (esta assertiva dita por ele já foi usada nessa pesquisa para confirmar a importância da teologia nas instituições de educação superior). (2015, p. 98ss).

Na sequência, ele apresenta seis modelos metafóricos do retrato do teólogo, ou seja, do trabalho do teólogo: 1) *Filósofo* – aquele que busca sabedoria e entendimento; 2) *Poeta* – aquele que sabe se expressar; 3) *Sociólogo* – aquele que tem condição de descrever como os grupos se comportam; 4) *Hermeneuta* – aquele que interpreta e aplica textos corretamente; 5) *Dramaturgista* – aquele que orienta grupos de teatro. Este ponto é destacado dentro daquela visão do autor sobre a doutrina e a teologia como partes de uma peça teatral. Sendo assim, como já foi dito, é uma “metáfora” para entender que o teólogo é capacitado a orientar os diferentes grupos dentro da comunidade cristã a respeito da principal atuação: a vida (atuações de vida); 6) *Médico* – aquele que medica; o teólogo como médico, está habilitado a cuidar do corpo de Cristo e prescrever medicamentos doutrinários, tanto para curar o corpo quando este apresentar alguma enfermidade ou para fazer com que o corpo se desenvolva quando for necessário (ministrar vitaminas doutrinárias) (VANHOOZER, 2015, p. 98-103).

Se a mensagem das Escrituras não for apresentada de maneira contextual, certamente não surtirá o efeito proposto por ela mesma!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi dito na Introdução, ser teólogo e fazer teologia não é nada fácil! Principalmente agora que a teologia, como disciplina acadêmica, não está mais restrita ao cenário eclesial-religioso, mas, está presente também nos centros de educação superior. Dessa forma, a tarefa do teólogo constitui-se em um paradoxo, onde o teólogo trabalha sutilmente de forma perspicaz dentro do limite da tolerância entre a tradição e o novo, sem parcialidade, sendo fiel às Escrituras e promovendo um diálogo com a contemporaneidade. Isto faz a fim de desempenhar um papel eficaz e relevante dentro da sociedade; afinal, os resultados da teologia devem ser colocados em prática, primeiro dentro da comunidade de fé e depois para o restante da sociedade!

A teologia precisa constituir-se dentro dos três aspectos apresentados: *sapientia*, *scientia* e *orthopraxis*; afinal, essas três características da teologia é que vão conduzir o teólogo pelo caminho certo, fazendo com que chegue a resultados seguros e satisfatórios que, conseqüentemente, podem e devem ser apresentados tanto à comunidade cristã quanto à sociedade de forma geral. Entretanto, isto só será possível se o teólogo, além de procurar submeter sua teologia ao rigor acadêmico necessário, mostrar-se proficiente naquilo que faz, bem como priorizar e buscar um relacionamento pessoal com Deus, um relacionamento que seja pautado em uma vida de oração e de meditação nas Escrituras, ou seja, é preciso que seja “piedoso” e tenha um “caráter cristão”, para poder levar adiante a verdade que recebeu de Deus para guardar. O fato é que o verdadeiro conhecimento de Deus não é recebido de forma empírica, decerto, Deus só pode ser conhecido verdadeiramente por meio de sua auto revelação; sendo assim, o teólogo não é apenas um profissional da teologia, mas é um servo de Deus comprometido com a verdade do Evangelho que deve colocar Deus em primeiro lugar, a fim de cumprir a *Missio Dei* (Missão de Deus), pois uma teologia que não visa à propagação da verdade de Deus (Evangelho), não cumpre sua verdadeira finalidade!

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2.ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. 1v.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à metodologia das ciências teológicas**. Goiânia: Editora Cruz, 2015.
- COUSINS, Peter James. **Ciência e fé: novas perspectivas**. São Paulo: ABU Editora, 1997.
- ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.
- RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- ROLDÁN, Alberto F. **Para que serve a teologia?** Curitiba: Descoberta Editora, 2000.
- SAWYER, M. James. **Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico**. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- SPROUL, Robert Charles. **Somos todos teólogos: uma introdução à teologia sistemática**. São José dos Campos: Fiel, 2017.
- VANHOOZER, Kevin J. **A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo: contribuições para uma teologia evangélica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- VANHOOZER, Kevin J. **Encenando o drama da doutrina: teologia a serviço da Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.